

GLOBALIZAÇÃO: AS MARCAS DA HOMOGENEIZAÇÃO DO MUNDO NO UNIVERSO REGIONAL

Globalization: The Marks of a World Homogenization in a Regional Universe

Globalización: Las marcas de la Homogeneización del Mundo en el Universo Regional

Edinaldo Enoque Silva Junior

Mestrando em Educação, Pesquisador, graduado em História, especialista em Ciências Sociais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina.
e-mail: enquesmo@hotmail.com

Paulino Eidt

Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Professor titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina.
e-mail: paulino@unoescsmo.edu.br



Resumo

161

Globalização Negativa é um termo cunhado por Zygmunt Bauman, para analisar a relação perversa da globalização nos espaços por ela afetada. O presente artigo pretende contribuir para o debate, na medida em que objetiva analisar os aspectos verticalizadores da globalização, bem como sua influência no processo de liquefação das localidades. Contempla prioritariamente a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica e a hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa universal. A análise teórica fundamenta-se predominantemente no campo das ciências sociais. Num segundo momento, o artigo expressa os impactos da verticalização da economia na região Oeste de Santa Catarina. Trata-se da extinção de Fidelidades Locais e Regionais, reordenamento da produção e a imposição de um conjunto de valores culturais intrinsecamente ligados ao mundo mercadológico. Os resultados apontam de que a globalização não é democrática, ou seja, não permite a manutenção de uma mútua inter-referência entre as partes do globo, mostra-se, ao contrário, autoritária e impositiva como afirma Bauman.

Palavras-chave: Economia. Globalização. Região.



Abstract

162

Negative Globalization is a term created by Zygmunt Bauman, for analyzing the perverse relationship of globalization in the spaces affected by it. This article seeks to contribute for the debate, as it aims to analyze the verticality aspects of globalization and its influence on the locations of the liquefaction process. Primarily include the expansion of corporations for regions outside of its geopolitical cores, technological revolution in communications and electronics and hybridization between popular culture and local culture of a universal mass. The theoretical analysis is based predominantly in the social sciences. Secondly, the article expresses the impact of vertical integration of the economy in western of Santa Catarina. It is the extinction of Local and Regional loyalties, the reorganization of production and the imposition of a set of cultural values intrinsically linked to the marketing world. The results indicate that globalization is not democratic, that means, it does not allow the maintenance of a mutual cross-reference between parts of the globe, it proves the contrary, authoritative and compelling as Bauman says.

Keywords: Economy. Globalization. Region.



Resumen

163

La globalización negativa es un término acuñado por Zygmunt Bauman, para analizar la relación perversa de la globalización en los espacios afectados por ella. Este artículo pretende contribuir al debate, ya que tiene como objetivo analizar los aspectos verticalizadores de la globalización y su influencia en la ubicación del proceso de licuefacción. Principalmente incluyen la expansión de las empresas a las regiones fuera de su núcleo geopolítico revolución tecnológica de las comunicaciones y la electrónica y la hibridación entre la cultura popular y la cultura local de una masa universal. El análisis teórico se basa principalmente en las ciencias sociales. En segundo lugar, el artículo expresa el impacto de la integración vertical de la economía en el oeste de Santa Catarina. Se trata de la extinción de las lealtades locales y regionales, la reorganización de la producción y la imposición de un conjunto de valores culturales, estrechamente relacionados con el mundo del marketing. Los resultados indican que la globalización no es democrática, es decir, no permite el mantenimiento de una mutua de referencias cruzadas entre las partes del mundo, demuestra lo contrario, autoritaria y convincente como dice Bauman.

Palabras clave: Economía. Globalización. Región.



Introdução

"O processo de globalização capitalista racionaliza o comportamento e as ideias e, ao fazê-lo, expulsa de nossas mentes, juntamente com a crença metafísica, as ideias mística e romântica de todos os tipos. E assim reformula não só os métodos de atingir nossos fins como também os próprios fins" (SCHUMPETER, 1984, p.167)

A "globalização" está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, "globalização" é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, "globalização" é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo "globalizados" – e isso significa basicamente o mesmo para todos. (BAUMAN, 1999a, 07)

Um processo de homogeneização do mundo está em curso. Isso não é novidade; desde os fins da Segunda Guerra Mundial Bauman parece certo ao afirmar que a globali-

zação é um processo irreversível e, quem diria, irresistível. Querendo ou não, amando ou odiando, a globalização se apresenta cada vez mais como a Nova Ordem Mundial ou uma faceta dela.

É vista, pelos entusiastas, como a possibilidade de pôr fim às barreiras norte/sul, desenvolvido/subdesenvolvido; possibilitando, desta forma,, ressaltar as diferenças e o respeito sob a insígnia do multiculturalismo.

Na controvérsia, há autores como Lombardi (2011) para o qual a globalização nada mais é do que um nome sofisticado dado ao velho e conhecido liberalismo que se esconde sob uma rubrica equalizante, mas prossegue oprimindo, verticalizando e perpetuando a opressão imperialista dos séculos XVIII e XIX. Contudo, "com ares democráticos"; a invasão dos países, os embargos econômicos, a ameaça de exclusão de dissidentes conseguem agora, em nome da paz e da democracia (democracia de produção, consumo e venda), amplo



apoio nos meios de comunicação de massa.

No presente artigo se apresenta - num primeiro momento - uma abordagem sobre como a globalização vem impactando o nosso dia a dia na área da tecnologia, da economia, da política e da cultura. Num segundo momento, sinaliza-se a forma como os processos globalizantes penetraram e penetram na Região Oeste de Santa Catarina, transformando o *modus vivendi* da população - modo de vida construído com base na solidariedade e no viver comunitário.

Entretantes, com o arcabouço teórico e conceitual procurou-se entender as tramas da racionalidade produtiva e as condições objetivas e da subjetivação impostas aos espaços submetidos à lógica da revolução científica e tecnológica.

A Globalização e suas Marcas

O que diferencia a globalização do imperialis-

mo dos séculos XVIII, XIX e parte do XX é o *modus operandi*. Enquanto as nações imperialistas estavam presentes de maneira física, fazendo-se sentir enquanto força opressora, exploradora e expropriadora, com seus exércitos, suas armas e sua política de protetorados; na contramão, hoje a presença se dá de modo sutil, suave como uma brisa, invisível. O domínio não se dá mais pelo controle das fronteiras e territórios e sim pelos Fluxos.

Sob a forma de organizações, o capitalismo global foi impulsionado no período pós-guerra e, principalmente na II metade do século XX, por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial ou Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização para Cooperação e Desenvolvimento (OCDE), Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), União Europeia (EU), Brasil,



Rússia, Índia, China e África do sul (BRICS), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Associação Latino-Americana para o Desenvolvimento Industrial e Social (ALADIS), Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) Comunidade Econômica Europeia (CEE) entre tantos outros. Apresenta-se na forma de cotações como Ouro, Euro, Dólar, Yuan, Libra Esterlina etc.

Milton Santos (1996) afirma de que a universalização do mundo pode ser constatada nos fatos; universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do marketing. Conforme o autor, estamos na era da Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, a universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, também a universalização das finanças e das dívidas, do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização do trabalho, isto

é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo, ainda a universalização do ambiente das firmas e das economias, dos gostos, do consumo e da alimentação. Paralelo a este paradigma, ocorre ainda a universalização da cultura e dos modelos de vida social, de uma racionalidade a serviço do capital erigida em moralidade igualmente universalizada, a universalidade de uma ideologia mercantil concebida do exterior; além disso, a universalização do espaço, da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total.

Desse modo, a globalização, sob o mote da "mútua dependência" (enquanto uns poluem outros não podem, enquanto uns produzem os outros consomem, enquanto uns permanecem agroexportadores, outros impõem seus bens tecnológicos) leva aos quatro cantos do globo as "benesses do desenvolvimento econômico", em detrimento da "pobreza e do *habitus* retrógrado" das localidades. As diferenças se esvaem. Segundo Ianni (2001, p.93)



“A globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as ideias. Sem prejuízo de suas origens, marcas de nascimento, determinações primordiais, adquirem algo de deslocado, genérico, indiferente. [...] aos poucos predomina o espaço global em tempo principalmente presente”.

Por sua vez Bauman (1999 p. 15) preconiza um quadro mais sombrio sobre as mudanças “globalizantes”. Conforme ele, estas mudanças levam-nos invariavelmente ao movimento, à errância e até mesmo a mendicância de sentido:

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” – transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida.

Destarte nada disso é novidade ao cidadão médio de qualquer parte do mundo. Porém, se é verdade que a globalização e o que advém dela tende a homogeneizar o mundo, também é verdade que ela não se dá de modo simultâneo e igual em todas as partes. Num plano puramente técnico, a economia de mercado só pode ser introduzida na medida em que o sistema de transporte for suficientemente eficaz para garantir o encaminhamento dos excedentes da produção a seus consumidores eventuais. Santos (2001, p. 86) afirma que se criaram incompatibilidades entre velocidades diversas e os portadores das velocidades extremas buscam induzir os demais atores a acompanhá-los “[...] Há, sempre, uma seletividade nessa difusão, separando os espaços da pressa daqueles outros propícios à lentidão”.

Considerando que a globalização tende a homogeneizar, colocar fim às barreiras geográficas, enfraquecer as tradições e inserir os diversos espaços dentro de um único sistema



econômico, isso não quer dizer que as pesquisas sociológicas, geográficas, antropológicas entre outras devam seguir o mesmo caminho. Os grandes movimentos “ideológicos” (humanismo, positivismo e iluminismo), cada um no seu devido tempo, propugnaram um melhor modo de produzir, consumir e pensar; e todos foram devidamente criticados por grandes pensadores.

Os estudos em torno da globalização e seus efeitos tendem a chegar num denominador comum. Bauman (2008, p.48) afirma que “todos estamos fadados a contragosto ou não aos desígnios da globalização”.

Acreditamos na possibilidade de escolha e resistência. Entretanto, isso só será possível compreendendo, analisando e explicando a parte que nos cabe, ou seja, o espaço geográfico e sociocultural no qual estamos inseridos. Logo, pretendemos dar uma viagem compreensiva de ida e vindas em torno do conceito de globalização e seus aspectos mais gerais para,

quicá, jogar luz sobre a realidade. A realidade do Oeste Catarinense e - se possível, sob o efeito da globalização, o risco que nos cabe. Pois como afirma Beck (2010, p. 66):

A fase de latência das ameaças do risco (global) chega ao fim. As ameaças invisíveis tornam-se visíveis. Os danos e destruições infligidos à natureza já não se realizam apenas na esfera inverificável das cadeias de efeitos químico-físico-biológico, mas aguilhoam de modo cada vez mais pungente os olhos, o nariz e os ouvidos. Apenas os fenômenos mais chamativos: a esqueletização das florestas que avança em passos largos, as águas interiores e os mares cobertos de espuma, carcaças de animais besuntadas de óleo, smog, erosão arquitetônica de edifícios e monumentos decorrente da poluição, a sucessão de acidentes, escândalos e catástrofes causadas por materiais tóxicos, desejos animais e esgotos sem tratamento. Os balanços da presença de substâncias poluentes e tóxicas nos alimentos e nos bens de consumo tornam-se cada vez mais extensos.



Homogeneização: O englobamento do sujeito regional aos ditames do mercado mundial

Com efeito, sobre a globalização do espaço regional, não podemos precisar a data de chegada, não sabemos a intensidade, a duração, muito menos seus efeitos. Todavia, já é possível senti-la no que se refere à noção de economia, tradição, cultura e de território; na influência do global sobre o local e na dimensão espaço/tempo e a própria concepção de história.

A título de demarcação histórica (para maiores detalhes ver referências) a região que hoje compreende o Oeste Catarinense tem sua colonização datada do início do século XX e atingiu seu apogeu na década de 1970. A formação étnica dessa população tem base europeia. Alemães, italianos, poloneses foram, em sua maioria, os colonizadores da região. Distribuídos pelo espaço que faz divisas com o Rio Grande do Sul, Paraná, Argentina os

migrantes ocuparam o espaço e constituíram seus *mores*. Com base em crenças religiosas dividiram-se em seus primórdios em duas categorias: os protestantes alemães formaram a região de Porto Feliz (Mondai, Iporã do Oeste e Riqueza, por exemplo), e os católicos alemães, Porto Novo (Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis, por exemplo).

A pequena propriedade, a policultura, a autossuficiência, as trocas comerciais locais eram as marcas econômicas da região. A criação dos animais era nomeadamente caseira, sem padrões tecnologicamente dados. A vida se dava mais ou menos ao estilo do que Bauman (2003, p.07) define de COMUNidade:

[...] Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e,



Mapa do Estado de Santa Catarina



Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-santa-catarina.php>



embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. [...] E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrependê-los se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos.

Em muitas situações o sociólogo fala de comunidade com outros parâmetros e contextos. No entanto, todos esses elementos são enriquecedores para discutir as transformações regionais nos mais diversos aspectos. Milton Santos (2001, p. 36) escreve que o uso

extremado das técnicas e a proeminência do pensamento técnico conduzem à necessidade obsessiva de normas. Essa pletora normativa é indispensável à eficácia da ação. Como, porém as atividades hegemônicas tendem a uma centralização, consecutiva à concentração da economia, aumenta a inflexibilidade dos comportamentos, acarretando um mal-estar no corpo social.

Este mal-estar pode ser percebido na Região Oeste de Santa Catarina, a partir dos anos 1970, quando entra nos circuitos nacionais e internacionais da economia (Revolução Verde). O potencial da mão de obra, os recursos naturais presentes (rios, a qualidade do solo, e os interesses dos grupos econômicos) tornaram ora lento, ora rápido o universo regional numa das mais importantes bacias leiteiras do país, bem como no maior produtor de aves e suínos. Abriram-se as portas da região para o mercado mundial de carnes, leites e derivados, bem como a transformação socio-



cultural do espaço regional. Alargou-se o território (acelerou-se o processo de derrubadas das matas, a exclusão do diferente se tornou ainda mais cruel – caboclo e indígena – e a produção tornou-se extremamente racionalizada, aos moldes dos grandes frigoríficos que se instalam. A raça do porco a ser criada se padroniza, bem como o gado de corte, de leite e as aves, a poluição das águas aumenta assustadoramente, da mesma forma sua contaminação por dejetos animais, notadamente o suíno).

Como provável consequência desse arranjo, a COMUNidade torna-se SOCIEDade, a INDENTIDADE em identidade e o navio da globalização lança âncoras. Um processo de distanciamento entre os membros das comunidades vai se acentuando. Aqui nos remetemos a Tonnies (1947) e Bauman (2003), que em linhas gerais concondam com a ideia de que em comunidades as relações entre seus membros se dão de modo autêntico, por outro lado,

a dissolução das comunidades em sociedades mostra relações menos legítimas, as relações face a face tendem a diminuição. Desse modo, Tonnies (1947, p.41) postula, assim, o que seriam as regras gerais da comunidade: *a) parentes, cônjuges, vizinhos e amigos se gostam reciprocamente; b) entre os que se gostam, há consenso; c) os que se gostam, se entendem, convivem e permanecem juntos, ordenam sua vida em comum.* Para Bauman, a Comunidade seria o lugar aconchegante onde todos sabem quem são seus membros e as ideias são recíprocas para o bem comum.

Ocorre então uma binariedade: a comunidade difere da sociedade. Partindo do pressuposto de que na sociedade vigora a diferenciação e a heterogeneidade, como decorrência as relações face a face diminuem e os laços afetivos de reciprocidade tendem a fragmentar-se, por conseguinte, a identidade se enfraquece. No caso específico da Região Oeste de Santa Catarina, com a implantação do meio técnico



e científico através da agroindustrialização, o fato de seus membros estarem cumprindo as demandas da produção (como criação, ordenhas, plantio ou preparo da terra) na própria produção como funcionários de chão de fábrica, ou da diferenciação em torno da melhor casa, melhor carro, melhor roupa; dissipa as peculiaridades comunais que deram origem à região.

Santos (2001), quando se refere ao capitalismo globalizado, afirma que a tirania do dinheiro e a da informação são os pilares da produção da história atual. Para o autor, ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais. Influenciando o caráter das pessoas, a competitividade - sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala.

Stuart Hall (2003) avalia o processo de deslocamento das estruturas tradicionais ocorrido nas sociedades modernas, assim como o descentramento dos quadros de referências que ligavam o indivíduo ao seu mundo social e cultural a partir do processo de globalização. Para o autor, a globalização, desaloja o sistema social e as estruturas por muito tempo consideradas como fixas.

Desta forma, se inicia o processo de desencaixe do qual nos fala Giddens (1991, p.89): *Em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vivem em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana.*

Concomitante a este pensamento, Milton Santos (2001, p. 49) preconiza: *O Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mun-*



do, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão.

Considerando sob o mesmo viés, Ianni, (2003, p.272) aclara

Nesse mundo globalizado [...] o indivíduo se mutila, se reduz, fragmenta, apaga, anula. Transforma-se em títere, autômato, zumbi. Fica solitário, no mapa do mundo, membro de uma vasta multidão de solitários; espectadores, audiência, público, massa. Está disperso nas cartografias, portulanos e mapas com os quais se desenha o atlas mundial.

A globalização, a homogeneização cultural a fragmentação e o esfacelamento das diferenças em prol de um mundo global apresentam-se com aspecto otimista podendo ser, por vezes, enervante. Os jovens locais demonstram repugnância e desprezam cada vez mais o local a favor das redes e dos infinitos espaços propostos pela globalização e seus meios de comunicação; das aventuras, do mistério

e dos infinitos condicionamentos de libertação das amarras comunais - que aprenderam a ignorar desde a mais tenra idade pelos discursos de sofrimento nostálgico dos seus pais e avós - em favor de milhares de possibilidades felizes expostas na TV. Meio termo parece algo inatingível quando se fala de globalização.

Existe uma dicotomia crescente: de um lado a globalização afunda os trabalhadores em suas cidades, submetendo-os, acorrentando-os, às batidas do relógio, dos dias e dos meses, ao pagamento do fim do mês, às contas do cartão de crédito, ao cumprimento do plano de metas, da TV à cabo, da internet, às férias programadas; do outro, todavia, promete a possibilidade de alforria, de liberdade, de cosmopolitismo e da felicidade sem fim dos comerciais de celular. Como reflete Bauman (1999, p.08)

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que,



com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam.

A ágora de discussões está distante, a discussão gira em torno de ideias banais, superficiais e, em sua maioria, risíveis. O Facebook, o Orkut entre outras redes sociais tornam-se o elemento aglutinador das massas haja vista não ter outra função a não ser entreter, anestesiar as mentes e desenvolver o distanciamento. Conforme Balandier (1997, p. 224) "Há mecanismos de controle na sociedade aberta, semelhantes a um animal numa reserva. Carregamos inúmeras coleiras eletrônicas".

Sem grandes movimentos sociais (quando dizemos grandes, nos reportamos aos grandes movimentos referentes à Segunda Guerra Mundial, a 1968 ou aos movimentos carapintadas. A fome, a desigualdade, o suborno, o roubo e a falta de leitos nos hospitais "não

parecem ser tão grandes assim" para causar realmente desconforto) as gentes regionais de todas as regionalidades espalhadas pelo globo entram numa espécie de transe coletivo. Luta de Comunidades virtuais a favor da penalização da mulher que violenta o cachorro é infinitamente maior do que contra a mãe que joga seu filho no lixo, bem como do mendigo que morre queimado por jovens delinquentes. Rorty (2005) afirma que estamos correndo o perigo de ficar com apenas dois grupos sociais genuinamente globais e internacionais: os super-ricos e os intelectuais, ou seja, as pessoas que participam de conferências internacionais dedicadas a avaliar os danos causados por seus colegas cosmopolitas super-ricos. Bauman (2008, p. 190) por sua vez acrescenta um terceiro "grupo social" à lista dos cosmopolitas, abrangendo traficantes de drogas, terroristas e outros criminosos.

A visão unilateral do processo de globalização é refutada por Haesbaert (2007) quando



vislumbra a possibilidade de uma sociedade global no sentido positivo, e não apenas negativo, de opressão e controle. Conforme o autor (2007, p, 50):

Simbolicamente, territórios como aqueles das reservas naturais e patrimônios da humanidade podem ajudar na consolidação de uma identidade-mundo, capaz de unir numa mesma "rede-território" toda a civilização planetária, que pela primeira vez (desde a Segunda Grande Guerra) coloca em risco sua própria existência na superfície da Terra.

Na leitura do autor, uma nova territorialidade emerge nas entranhas da globalização. Conforme ele, entre as características que regem a emergência destas novas-antigas territorialidades devemos considerar, inserida nos processos de globalização /mundialização,

A formação simultânea de uma elite globalizada vis a vis a uma enorme massa de excluídos que buscam reconstruir seus territórios, muitas vezes de forma extremamente reacionária e ainda mais discriminatória que a dos Estados-nações (2007, p.48).

Sociólogos como Bauman, no entanto, percebem aspectos quase que exclusivamente negativos no processo globalizante da economia. Entre os argumentos mais significativos estão aqueles que conduzem à resignação do homem moderno e à asfixia de traços culturais e tradições minoritárias.

Maffesoli (1997) parece acertar quando postula o fim do político até então conhecido. A violência estampada contra homens e mulheres nos jornais, nos filmes, nas revistas, nas novelas anestesia as pessoas sobre a condição humana que, por não chocarem mais, voltam sua atenção para os bichos, desde que não sejam comíveis. A condição do gado, do porco, do frango, do peixe, por exemplo, não interessa.

A favor da sedutora ideia de aldeia global uma espécie de consciência coletiva toma conta das localidades tendo em vista a possibilidade do contato total com o globo. Não uma consciência coletiva do tipo durkheimia-



no, agregador, solidário, autorreferente. Uma consciência coletiva que, por mais paradoxal que seja, desconscientiza, esmaece os laços e impõe a diferença. Diferenciar-se e distinguir-se é estar na moda. Moda volátil efêmera, como ressalta Lipovetsky (1989, p.97): "O consumo de massa da moda implica a multiplicação de modelos, a diversificação das séries, a produção de diferenças opcionais, a estimulação de uma procura personalizada". Isso atinge significativamente todos os cantos, todas as classes e todos os modelos de comunidade. Balandier (1997, p 11) afirma que "A máquina se interpõe nas relações sociais, torna-se constitutiva delas. A máquina programada cria a sociedade programada; reduz o lugar do empírico, do aleatório das escolhas e das decisões, tornando-se progressivamente formuladora de normas".

Se, de um lado, temos a entrada maciça e homogeneizadora da produção em larga escala, temos a possibilidade, ao mesmo tempo,

de ver o consumo também em larga escala. Logo, além do industrialismo temos o consumo globalizante. O consumo e a diferenciação surgem como elemento crucial no desmantelamento das características regionais.

O consumo notadamente é causa e efeito da globalização e está intimamente atrelado aos conceitos de comunicação de massa, cultura de massa, indústria cultural, sociedade de consumo. Ele não é durável (em relação à liquidez de Bauman) e fisicamente sentido como a globalização econômica, embora seja resultado dela. Ele atinge diretamente os desejos, as mentes, as subjetividades, a consciência.

Segundo Bauman (2010, p.41):

No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais anda por prazo indeterminado) denuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimentos e a capacidade de perceber



novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem. A perspectiva de se ver restrito a uma única coisa a vida inteira é repulsiva e apavorante. O que não surpreende, pois todos sabem que até os objetos de desejo logo envelhecem, perdem o brilho num segundo e, de símbolos de honra, transformam-se em estigmas de infâmia.

Destradicionalização: o processo de esfacelamento do Regional

O Oeste de Santa Catarina aparece, na segunda e terceira décadas do século XX, no cenário nacional como recorte geográfico e espaço de acolhimento de diferentes grupos étnicos. Alemães, italianos e poloneses, descendentes da segunda e terceira gerações de imigrantes, que povoaram a Encosta Inferior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (regiões próximas ao litoral dos dois estados como os municípios de São Leopoldo, Montenegro, Blumenau e Criciúma) no século XIX, foram recrutados por companhias colonizadoras e pela Igreja para reinventar suas tradições negligenciadas

ou eclipsadas nos locais de origem.

As companhias colonizadoras fragmentaram o território, até então sem fronteiras, e passaram a agir sobre parcelas dele. Em meio aos povos nativos, levantaram-se, por meio de um esforço contínuo, novas comunidades de colonos atraídos pela intensa propaganda das colonizadoras. Toda a região passou a ser integrada aos interesses capitalistas mediante a criação de frentes agrícolas, que transformaram, paulatinamente, o espaço natural.

A dinâmica socioeconômica que se estabeleceu desde o início da colonização da região Oeste de Santa Catarina caracterizou-se pela predominância da família como unidade organizadora do processo produtivo e do trabalho. Nesse modelo, predomina a propriedade direta dos instrumentos de trabalho por parte de quem trabalha. O que se obtém é fruto da jornada de trabalho gratuito da família, que executa praticamente todas as operações relativas à produção (seleção de sementes, plantio,



colheita, estocagem, transporte...). Fatores como a falta de mercado, famílias numerosas, meios de transportes e comunicações rudimentares, terras montanhosas, além do transplante do modelo de propriedade das regiões de origem, fizeram com que se pautasse a colonização em cima da propriedade familiar e da produção de subsistência.

Os recursos naturais da região viabilizaram um modelo de desenvolvimento econômico de reduzida orientação para o mercado. A existência de mata nativa e a boa fertilidade natural do solo propiciaram ao migrante uma relativa autonomia e autossuficiência. A família, enquanto unidade organizadora do processo produtivo executava todas as operações relativas à produção: seleção de sementes, plantio, colheita, transporte, estocagem e escambo (esporadicamente, a venda).

À medida que o espaço regional se tornou mais aberto e interdependente, as mudanças aconteceram de forma muito rápida. O

desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação com outros espaços, a preocupação do Estado e, ainda, o fascínio do capital (agroindústrias) pela região na qual pudesse espalhar seus interesses implantaram a denominada modernidade tecnológica.

A modernização, introduzida em toda a região Oeste de Santa Catarina a partir da década de 1970, transformou o “espaço natural” e rompeu com a sociabilidade tradicional, integrando a região aos circuitos internacionais da economia. Pesquisas realizadas por Eidt (1999, 2009, 2011) descrevem a agroindústria como o principal elemento econômico da região e está intrinsecamente atrelada aos interesses capitalistas notadamente globais. A Região foi alvo do enquadramento da globalização sob o selo da economia neoliberal. Os antigos camponeses que conseguiram sobreviver às “avalanches” tecnológicas, precisam se adaptar a uma linguagem universal. Em função disso, denotamos que os índices de



exportações, as flutuações do dólar, as crises econômicas mundiais, o inverno ou calor nos países do norte, as inovações tecnológicas, a sistematização e o uso das tecnologias e as vacinas apresentam papel relevante na conjuntura histórica da região oeste. Além disso, contamos ainda com a ração, o modo de criar, de abater, de embalar, de cortar e de comer, a intervenção da homogeneização da produção e o recrutamento da mão de obra, a logística do transporte, o resfriamento, etc. usado e padronizado em diversos países do mundo sob a rubrica do sistema ISO, faz do Oeste Catarinense um produtor padronizado dentro de determinado *standard* de produção. Santos (2001, p.87) enfatiza que: "Cada empresa hegemônica age sobre uma parcela do território. [...] Esse poder das grandes empresas, cegamente exercido, é, por natureza, desagregador, excludente, fragmentado, sequestrando autonomia ao resto dos atores".

Respalhando a citação acima, ressal-

tamos que o não enquadrado está fadado ao esquecimento e à falência. Martins (1980) denomina a população que não acompanha o processo de modernização do campo como sendo os da "travessia inacabada", ou seja, populações bloqueadas no tempo e no espaço da porta de entrada no mundo moderno, refugos malqueridos da agricultura e rejeitados e temidos das grandes cidades.

Enquadramento é a norma e a regra do sistema de produção em larga escala. Isso serve igualmente para o leite, por exemplo, outro produto importante da economia local-global; ph, temperatura, alimentação, vacinação, registro, ordenhas mecânicas, transporte, armazenamento, embalagem tetra pak, código de barras, registros nos mais variados ministérios e secretarias que enquadram o produtor, a produção e o produto dentro das verticalizações do sistema.

[...] *as divisões territoriais e a segregação de identidades promovidas e transformadas num*



must pela globalização dos mercados e da informação não refletem uma diversidade de parceiros iguais. O que é opção livre para alguns abate-se sobre outros como destino cruel. E uma vez que esses "outros" tendem a aumentar incessantemente em número e afundar cada vez mais no desespero, fruto de uma existência sem perspectiva, é melhor falar em "glocalização" – fenômeno encoberto no conceito de unilateralidade de globalização e restrição da liberdade de se mover e agir. (BAUMAN, 1999. p.44)

Preconiza-se, portanto, que a globalização promove sua entrada sutil na região. Resistir? Como? Quais alternativas se têm quando muitos dos habitantes que comiam, festejava, consumiam alimentos tradicionalmente produzidos entram consciente ou inconscientemente na onda da marca, do "melhor produto", da embalagem mais bonita, dos modismos alimentares apresentados nos programas culinários e nos comerciais, do embalado a vácuo e dos conservantes industriais. É a globalização dos gostos. São os efeitos globais no espaço local.

Castells é esclarecedor ao dizer (1999, p.17):

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização [...]. a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida mediante a criação de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo.



Essa reflexão soa efetivamente como uma profecia. Tendo em mente o que Castells diz sobre o efeito da globalização e projetando-a na realidade regional de outrora e de hoje é impressionante a sua força e clareza. É esclarecedor e ao mesmo tempo nos faz pensar se realmente estaremos fadados aos interesses e aos desejos econômicos das grandes corporações, se é possível resistir e se a escolha não estará fadada, ela mesma, a limites disponíveis de antemão, dando a falsa ideia de escolha democrática.

A uniformização global tem raízes fecundadas e fortes na região. Não nos referimos à indústria, agroindústria e aos prestadores de serviços, pois isso já está presente desde os primórdios do processo globalizador regional. A uniformização é o *sine qua non* da produção e isso já ressaltamos. O que nos referimos agora é, sobretudo, ao consumo e ao gosto. Pergunte para qualquer jovem de idade escolar da região qual é a “melhor” marca de tê-

nis. Pergunte qual é o “melhor” refrigerante, peça para enumerar “as melhores” bandas de música, entreviste-os para saber o padrão de mulher ou homem perfeito, o canal do *youtube* mais acessado, assim como o “melhor” jogo de *Playstation* seja o 1, 2 ou 3 que teremos um consenso se não mundial, bem próximo a isso. Pergunte aos homens de meia idade qual é a “melhor” marca de carro importado, reduza a escolha entre sedãs ou hets, teremos poucos citados, (embora a produção e as marcas são imensas), o melhor time de futebol do mundo e a modelo mais sexy.

Teremos aí um consenso. Igualmente, pergunte a qualquer mulher que tenha em casa uma TV, qual o tipo ideal de homem, analise porque esse é o tipo ideal e pergunte se esse tipo existe no seu bairro, trabalho ou faculdade, teremos grandes surpresas. Se perguntarmos tudo isso no Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre, e algumas dessas perguntas a habitantes de outras par-



tes do mundo não seria surpresa alguma se tivéssemos grandes acordos. Até mesmo os desacordos, se houver, estarão dentro de um limite mínimo de possibilidade de escolha.

Segundo Featherstone (1990, p.141):

Sob diversos aspectos, considera-se que as pessoas estão envolvidas num complexo jogo de signos que imita ou repercute o excesso de signos do ambiente edificado. Considera-se que a cultura contemporânea (moda, música, televisão, vídeos, bebidas, danças, clubes, carros) está dominada pelo mundo do "faz de conta" da publicidade. Roupas, corpos e caras transformam-se em "citações do outro lado, o lado imaginário da vida: a moda, o cinema, a publicidade e a sugestibilidade infinita da iconografia contemporânea".

Aqui entra outro aspecto verticalizador da globalização que é a destradicionalização. A tradição tende - com a globalização econômica, cultural, social e midiática - cair em desuso, ou se ressignificar de tal modo que passa a ser outra coisa. Essa "outra coisa" não pode ser mais chamada de tradição no sentido

até então dado pelos estudos culturais como práticas religiosas, sociais, culturais, organizacionais de uma determinada nação ou grupo, marcada por certa durabilidade e trânsito entre gerações; a não ser que se cunhe o nome "tradição global". Mesmo assim, a definição do conceito deverá mudar. Pode-se caracterizá-la pela efemeridade, presentismo, utilitarismo e pragmatismo, verticalismo econômico e sociocultural, desapego histórico e sem a menor necessidade de perpetuação.

Gonçalves (1994, p.22) enfatiza a Nova Era Científica a partir de um dualismo:

A abstração inerente ao modo de produção capitalista trouxe, assim, a ruptura das relações imediatas do homem com seu corpo e com a natureza. A redução do trabalho humano à força de trabalho, no sentido fisiológico, trouxe consigo uma dissociação entre a força criativa espiritual do homem e a força fisiológica corporal, gerando um corpo autônomo, desprovido de subjetividade.



Mesmo se Hobsbawm (2008) estiver certo ao afirmar que as tradições são invenções modernas, nos parece, todavia, que essas invenções têm como princípio básico a constituição de IDENTIDADES. A globalização tem marcadamente, ao nosso entender, a transformação dessas IDENTIDADES em identidade. E por sua vez as identidades globais não tendem a formar IDENTIDADES, pelo contrário, prezam pelas fidelidades à marca, ao objeto, ao cheiro, ao gosto, à cor, ao modelo e de preferência enquanto durarem os estoques, ou até o próximo comercial.

Que impacto tem a globalização sobre as IDENTIDADES? Hall (2003, p. 69) afirma: "Uma de suas características é a "compressão espaço-tempo", a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância".

Esta afirmação encontra respaldo em Harvey (1989, p.240):

À medida que os espaços se encolhem para se tornar uma aldeia "global" de telecomunicações de interdependências econômicas e ecológicas – e à medida que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

Desse modo, Tradição e IDENTIDADE torna-se mero repertório de práticas atrasadas, folclóricas e pitorescas. Serve para matar saudade ou lembrar-se dos tempos de infância. Torna-se até objeto de venda em massa. A tradição é um dos elementos culturais mais atingidos pelos efeitos verticalizadores da globalização. Os grupos de influência (os novos intermediadores culturais) tendem a hipostasiar a tradição como algo em desuso. Mas pronto para ser consumido-descartado em momentos de nostalgia.



Essa efemeridade, ou Obsolescência Programada, tende através dos meios de comunicação de massa atingir o globo, pondo em relevo outro conceito importante no processo de globalização que é a desterritorialização. A desterritorialização elemento importantíssimo aos interesses do capitalismo global tem, por interesse maior, o domínio do sistema de subjetivação dos grupos - sejam tradicionais, arcaicos ou menos complexos - em favor daquilo que Ianni, entre outros, chama de aldeia global.

Desta forma, de acordo com o cenário preconizado pelos postulados contidos na ideia de "aldeia global", sem tradição e sem território definido o sujeito imerso no mundo fluído e efêmero dos dias atuais tende a pôr seu eu à mercê dos interesses do mercado.

Sintetizando, a globalização tende a firmar-se, entretentes, de um modo verticalizador, transformador, impositivo e viscoso. Essas transformações se mostram lentas aos olhos

desatentos. Todavia, olhando com mais atenção, é possível ver mudanças significativas nas relações sociais e de consumo, nos modelos de vida, interferências em relação ao trabalho e ao uso do tempo livre e ver nua e friamente as mesmas práticas, queixas, produtos, modo de consumo, de falar, relacionar em toda parte, salvo exceções que tendem a se rarefazer deveras. Carvalho (2003, p. 79) parece dar a compreensão exata da nova geopolítica e economia internacionalizada ao afirmar: "Na verdade, não há como identificar nesse espaço/tempo geopolítico onde se localizam os novos inimigos de mundo, pois eles se encontram disseminados, como um monstro de múltiplas cabeças".

Considerações finais

O industrialismo, o neoliberalismo, a informatização são um dos maiores, se não o maior elemento globalizador. A internet, as redes so-



ciais, os canais tendem a mostrar um mundo encantador, de festa, de viagens e de aventuras, logo, os jovens no seu apetite de vida que é natural da fase projetam mais do que nunca o bom, o belo e o justo longe, muito longe. Os mais velhos - cansados de sua vida, encontram nas novelas, nos casos de família e nos programas de auditório um distanciamento inconsciente. Desprezam sobremaneira o local, o familiar e o comunal em prol do global, efêmero e midiático, deste modo, temos acelerado o processo de esfacelamento do local em detrimento do global.

Para que isso ocorra efetivamente, não é preciso grandes rodovias ou ferrovias, aeroportos ou heliponto, até mesmo as parabólicas de outrora não são tão importantes. O global para ter alcance não é mais visível, imperativo e dominador como foi no início dos anos de 1990 com as agroindústrias, por exemplo; o global agora é midiático, informacional e eletrônico, as redes são invisíveis bem como os

sinais. Trata-se de uma **visibilidade seletiva**, pois o arranjo espacial é planejado e tem nas redes seus instrumentos privilegiados; portanto, invisível de acordo com os interesses dos grupos investidores (quase sempre em associação público-privada).

O que temos de concreto, ou melhor, de desconcreto, ou como afirma Bauman, líquido, são as relações, os costumes os valores que, a nosso ver, precisam ser mantidos mesmo quando somos globalizados, mas que parecem se desmanchar no ar.

O uso crescente da máquina, a submissão humana ao ritmo da própria máquina, a exploração do trabalhador, a divisão do trabalho e a subordinação dos territórios são apontados com efeitos perversos da globalização por muitos pensadores da modernidade. Outras análises e pesquisas, centradas nos efeitos positivos do processo de globalização, têm sido feitas, reiterando a ideia do caráter inacabado do conhecimento.



Por consonância, no espaço regional do Oeste de Santa Catarina já podemos notar - na segunda década do século XXI - que o poder nivelador da globalização não conseguiu uma passiva adequação de todos aos produtos culturais. Grupos dissidentes fazem recortes claros no tecido social único. Um jogo de forças, silenciosamente, atua contra o poder monopolizador da massificação Cultural. Exíguas minorias perseguem, de modo incontestável, um mundo substancialmente autônomo.

Quem sabe o desejo de Outra Globalização do geógrafo Milton Santos esteja a caminho e se concretize e se confirme ao longo da trajetória do século XXI.



Referências Bibliográficas

188

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Capitalismo parasitário**, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Medo líquido**, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a outra modernidade**. São Paulo: editora 34, 2010.

CARVALHO, Edgard Assis de. **Tecnociências e sistemas complexos contemporâneos**. Porto Alegre: Sulina, 2003.



CARVALHO, Edgard de Assis. Religação dos saberes e a educação do futuro. In: **Ciências Sociais na Atualidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EIDT, Paulino. **Porto novo: da escola paroquial ao projeto de nucleação**. Uma identidade em crise. Ijuí: Unijuí, 1999.

EIDT, Paulino. **Os Sinos se Dobram por Alfredo**. Chapecó (SC): Editora Argos, 2009.

EIDT, Paulino; JÚNIOR, Edinaldo Enoque Silva. **Porto Novo: Do Reino Religioso ao Poder do Mercado**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas (SP): Papyrus, 1994.

HAESBAERT, Rogério. O território em tempos de globalização. **Revista Eletrônica Etc., espaço, tempo e crítica**. Nº 2(4), VOL. 1, 15 de agosto de 2007.



HARVEY, DAVID. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2001.

_____. **Os enigmas da modernidade-mundo: Civilização brasileira**, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOMBARDI, José Claudinei. (Org.) **Globalização, pós-modernidade e Educação**. Caçador (SC): Editora Autores Associados, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MARTINS, José Souza. **Expropriação e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.



MORIN, Edgar. **O Método: O conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999. Tradução de Juremir Machado da Silva.

RORTY, Richard (2005). **Verdade e progresso**. Barueri (SP): Manole, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA JUNIOR, Edinaldo Enoque. EIDT, Paulino. **Cultura e natureza, interdições e conflitos: um olhar sobre o passado regional**. Visão Global, São Miguel do Oeste, SC, v.11, n.1, p.55-78, jun. 2008.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires: Losada (1947)

